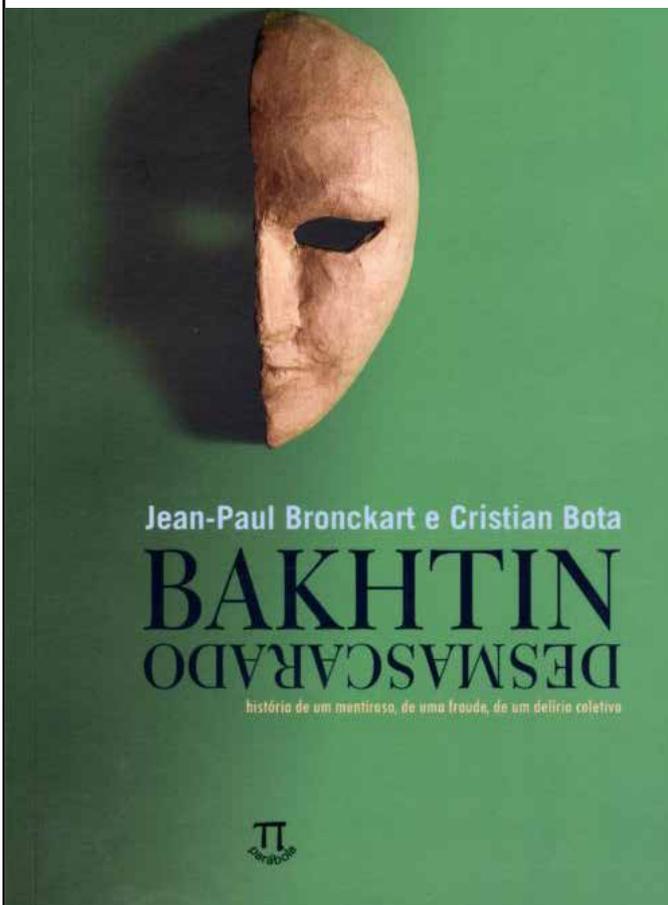


Resenha

UM LIVRO ESTARRECEDOR SOBRE BAKHTIN – LEIA SE FOR CAPAZ

Por_ MARCOS ZIBORDI



Bakhtin Desmascarado - História de um Mentiroso, de uma Fraude, de um Delírio Coletivo
1ª Ed. 2012
Autores: BRONCKART; BOTA; MARCIONILO
Editora: Parábola
Ano: 2012

Marcos Zibordi é professor doutor da graduação e do Mestrado Profissional em Jornalismo da FIAM-FAAM Centro Universitário.
Email: mzibordi@hotmail.com

Imagine que um professor entre em sala de aula para apresentar a vida e a obra de Mikhail Bakhtin e comece afirmando o seguinte, para espanto geral da plateia: o laureado teórico russo, para alguns o maior crítico de literatura do século passado, é um falsário; não escreveu obras fundamentais a ele atribuídas, como *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, algumas noções teóricas, como dialogismo e polifonia, não foram concebidas por Bakhtin, além de trabalhos célebres, como o estudo sobre Rabelais, conterem longos trechos inteiramente plagiados, tomados, neste caso, do alemão Ernst Cassirer, entre outros. Também nunca houve o tal “Círculo de Bakhtin”, com discípulos fomentando intensa dialogia em torno do mestre, todos produzindo obras férteis, fundadoras. Para enterrar de vez e logo de cara as expectativas, esse talvez agressivo professor poderia concluir informando que Bakhtin sequer obteve o título pleno de doutor ao defender o trabalho acima mencionado. 243

Não é fácil desmistificar cientistas e teorias, desmistificação mais difícil quando não pretende polemizar de graça, mas abrir caminhos para que se pense por si próprio, algo que talvez o imaginário professor estivesse tentando. A pergunta que ele poderia lançar à incrédula e provavelmente já ofendida classe seria: quem de vocês tem disposição para ler com atenção e boa vontade as pouco mais de 500 páginas do arrasador *Bakhtin desmascarado*?

Dependendo dos humores, ou do teor dos enunciados expressos (ou não) nas respostas, o professor poderia ousar ainda um pouco mais e informar o título completo do livro sugerido, ainda mais estarre-

cedor: *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo* (Parábola, 2012). Os autores são os doutores Jean-Paul Bronckart e Cristian Bota, mas, para instigar os incrédulos, o professor provocador (ou o resenhista, algum jornalista, um terapeuta) poderia trazer à mesa, como entrada ao bombástico prato dos pesquisadores europeus, alguns aperitivos encontráveis na produção nacional mesmo, plantados com cautela, em escritos até bem conhecidos, como o ensaio de Affonso Romano de Sant'Anna sobre paródia:

Embora o nome de Bakhtin seja sempre relacionado ao estudo da paródia, seria mais justo darmos o crédito a outro formalista russo, que dez anos antes de Bakhtin produziu alguns ensaios onde expôs com agudeza aquilo que Bakhtin genialmente exporia mais tarde. Estou me referindo a Iuri Tynianov e ao seu texto sobre Gogol e Dostoiévski publicado em 1919. Que motivos levaram muitos a destacar mais Bakhtin em desfavor de Tynianov, não sei. (1991, p. 09).

Os autores de *Bakhtin desmascarado* demonstram saber, e muito, as respostas a esses e outros, digamos, meandros mal explicados, que deveriam, no mínimo, ligar o botão da desconfiança de qualquer pesquisador, e dão várias respostas. O livro se concentra em trabalhos ainda mais destacados do que o texto sobre paródia, como *O método formal nos estudos literários*, cujo autor, indiscutivelmente, é Pavel Medvedev, autoria que não foi questionada por décadas, até Bakhtin e os promotores de “sua” obra passarem a simplesmente substituir o nome do injustiçado teórico, fuzilado em 1938. E apesar dos imbróglis com a censura, que obrigou, sim, diversos autores a se esconderem publicando sob o nome de outros na então União Soviética, a profunda e vasta análise de Bronckart e Bota esclarece as mentiras injustificáveis de Bakhtin, mesmo num cipoal envolvendo censura, reescrita, inúmeras versões, edições e reedições.

Contudo, a leitura instiga desde o início não só pelo tema bombástico bombardeado, mas pela organização do material narrado: *Bakhtin desmascarado* é montado como um romance, gênero que consagrou trabalhos atribuídos ao mestre e sobre o qual ele erigiu a teoria da polifonia em Dostoiévski. A demolidora obra antibakhtiniana, com ares de livro-reportagem, é instigante mais propriamente como romance policial, no qual Bakhtin é o vilão e os dois narradores, investigadores inspirados em Sherlock Holmes, vão incansavelmente buscar abundantes provas de crimes científicos cometidos durante dé-

cadadas, com enorme autoridade narrativa e disposição pessoalíssima em desvendar.

A começar pelo título, direta e agressivamente indicativo do tema, há grandes chances de garantir a adesão curiosa do leitor. Dividido em duas partes, a primeira é investigativa, mobiliza fatos, dados e obras fundadoras do mito bakhtiniano, especialmente biografias. A impressão é a de que nenhum detalhe escapa ao implacável olhar escrutinador da dupla de pesquisadores. Na segunda parte, a comparação minuciosa de textos de Bakhtin, Volóshinov e Medvedev desmascara ao mesmo tempo em que escancara autorias, tema tão caro ao próprio Bakhtin.

Assim a intriga, lançada desde a capa, adquire amplo sentido na narrativa, vai da noção literária ao mais mesquinamente humano. Há um evidente prazer dos narradores, destiladores de ironias, em ir desmontando teses e mais teses fantasiosas, científicas e biográficas. As citações, em geral passagens áridas, aparecem em Bakhtin desmascarado como provas dos fatos; então lemos esses trechos avidamente, empenho despertado e potencializado por outros recursos típicos das narrativas sequestrantes, como anunciar os desdobramentos futuros, por exemplo os temas dos capítulos seguintes, assim como, ao longo do texto, retomadas e resumos, por itens, do conteúdo até então exposto, fixam o itinerário da trama, altamente intrigante e reveladora.

Daí os narradores poderem construir um parágrafo como o que será mencionado a seguir, na metade da narrativa, com o balanço daquilo que foi demonstrado até então:

As mentiras de Bakhtin não precisam mais ser demonstradas, digam elas respeito a suas origens, a sua formação, à data de redação de seus manuscritos, às razões da não publicação deles, ou ainda, claro, às condições de redação dos textos disputados. Essa prática mentirosa é atestada desde 1920! Diante disso, poderíamos pensar que os especialistas do bakhtinismo iriam se questionar sobre a efetiva amplidão dessa mistificação, ou até mesmo sobre o que subsistia de verdade na história de Bakhtin e sobre o que subsistia de autenticidade e de “propriedade” na obra publicada sob seu nome. Mas nada disso aconteceu. Os raros comentários a esse respeito visavam, sobretudo, encontrar desculpas... para o pobre Bakhtin! (p. 268).

Seria estragar a surpresa dos leitores elencar aqui as diversas fantasias desnudadas ao longo de *Bakhtin desmascarado*, inclusive porque informar não é a função principal do resenhista, mas há ainda pelo menos um aspecto fundamental a ser ainda observado e que também diz respeito aos meandros da nar-

rativa, sobretudo no romance.

Trata-se do pacto franco, de boa vontade, necessário entre leitor e qualquer obra. Quando ele acontece, o autor encontra seu “leitor-modelo”, como descreveu lindamente Umberto Eco (1994, p. 15). Para compreender *Bakhtin desmascarado*, ou para conseguir ler a obra pelo menos como informação nova, precisamos estabelecer decidido dialogismo, com a mais profunda coragem científica de se desapegar de crenças paridas por medos tenebrosos, não só intelectuais, e que desaguam, por exemplo, na subserviência cega, deslumbrada, a qualquer autor tido e havido como fundamental, original, indispensável, que seu professor ou orientador leu, indicou a leitura, pois o orientador dele havia lido, assim como outros antes dele...

Bakhtin desmascarado impõe desapego, exercício dos mais dolorosos porque incide na raiz do problema: ele não é só de autoria; é, sobretudo, epistemológico, tem relação principal com a maneira como o conhecimento se constrói. A obra antibakhtiniana, da qual poucos sairão imunes, procura desnudar mundos e criar novas perspectivas, assim como a leitura dos romances, que nos transformam ou, no mínimo, provocam, o que já é transformar.

Algum ofendido leitor pode até lançar o livro pela janela, execrar o panfleto diante dos alunos, mas nem esse refutar raivoso tirará, mais uma vez, a razão Edgar Morin ao evocar a frase de Montaigne indicando a primeira finalidade do ensino: “mais vale uma cabeça bem-feita do que bem cheia” (2010, p. 21).

Assim, nosso imaginário professor poderia propor este inusitado exercício aos alunos: passar um semestre inteiro lendo textos importantes, porém sem indicação do nome dos autores, tentando libertar opiniões, evitar o deslumbre prévio e a conseqüente adesão cega. Não seria muito diferente de ler Bakhtin assinando a obra de outros.

BIBLIOGRAFIA

BOTA, Cristian e BRONCKART, Paul. *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reformar, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano. *Paródia, paráfrase & Cia*. São Paulo: Ática, 1991.